

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO
EDUCACIONAL**

Andressa Machado

**ESTILOS DE APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES SURDOS NA EDUCAÇÃO
SUPERIOR**

Santa Maria, RS
2021

Andressa Machado

**ESTILOS DE APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES SURDOS NA EDUCAÇÃO
SUPERIOR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Lato-Sensu em Gestão Educacional, do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Gestão Educacional**.

Orientadora: Prof^a. Pós Dr^a. Sílvia Maria de Oliveira Pavão
Co Orientadora: Prof^a. Me. Mariane Carloto da Silva

Santa Maria, RS
2021

Andressa Machado

ESTILOS DE APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES SURDOS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Lato-Sensu em Gestão Educacional, do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Gestão Educacional**.

Aprovada em 09 de Fevereiro de 2021:



Silvia Maria de Oliveira Pavão, Pós Dr^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Co Orientadora: Mariane Carloto da Silva, Mestre (UFSM)
(Co Orientadora)



Fabiane Vanessa Breitenbach, Dr^a (UFSM)



Ravele Bueno Goularte, Mestre (UFSM)

Santa Maria, RS
2021

RESUMO

ESTILOS DE APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES SURDOS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

AUTORA: Andressa Machado
ORIENTADORA: Silvia Maria de Oliveira Pavão
CO/ORIENTADORA: Mariane Carloto da Silva

Este estudo, vinculado ao Curso de Gestão Educacional, do Programa de Políticas Públicas e Gestão Educacional, aborda a temática “Estilos de Aprendizagem de estudantes surdos na Educação Superior”. O qual teve como objetivo geral discutir o Estilo de Aprendizagem do estudante surdo durante a graduação. E, como objetivos específicos: abordar por meio do inventário de Kolb a ocorrência das formas do aprendizado, em função do estilo de aprendizagem do estudante surdo; entender o estilo de aprendizagem durante o processo de ensino do estudante surdo na graduação. Está fundamentada em uma pesquisa de abordagem qualitativa, onde os sujeitos foram três acadêmicos surdos de uma Universidade Federal. Constatou-se que o estilo predominante entre os acadêmicos se fixou no assimilador, no qual o estudante possui seu aprendizado baseado em observações e pensamentos. Em conclusão, o aprender sempre foi considerado um processo complexo, pela série de variáveis que podem intervir, No caso do surdo, a identificação, o conhecimento as maneira que cada um se organiza para a apreensão e assimilação da aprendizagem, mostra ser essencial para que o aprender ocorra de forma natural e fluida.

Palavras-chave: Educação Superior. Estudante Surdo. Estilo de Aprendizagem.

ABSTRACT

LEARNING STYLES OF DEAF STUDENTS IN HIGHER EDUCATION

AUTHOR: Andressa Machado

SUPERVISOR: Silvia Maria de Oliveira Pavão

CO / SUPERVISOR: Mariane Carloto da Silva

This study, linked to the Educational Management Course, of the Public Policy and Educational Management Program, addresses the theme “Learning Styles of deaf students in Higher Education”. The general objective of which was to discuss the Learning Style of the deaf student during graduation. And, as specific objectives: to approach, through the Kolb inventory, the occurrence of forms of learning, according to the learning style of the deaf student; understand the learning style during the teaching process of the deaf student at graduation. It is based on a qualitative research, where the subjects were three deaf academics from a Federal University. It was found that the predominant style among academics was fixed on the assimilator, in which the student has his learning based on observations and thoughts. In conclusion, learning has always been considered a complex process, due to the series of variables that can intervene. In the case of the deaf, the identification, the knowledge and the way that each one organizes for the apprehension and assimilation of learning, proves to be essential so that learning takes place in a natural and fluid way.

Keywords: Higher Education. Deaf Student. Learning Style.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Plano Cartesiano de Kolb	20
Figura 2	Estilo de Aprendizagem participante A	27
Figura 3	Estilo de Aprendizagem participante B	27
Figura 4	Estilo de Aprendizagem participante C	28
Figura A1	Enquanto aprendo	29
Figura B2	Aprendo melhor quando	30
Figura C3	Quando estou aprendendo	32
Figura D4	Aprendo	33
Figura E5	Enquanto aprendo	34
Figura F6	Enquanto estou aprendendo	35
Figura G7	Aprendo melhor através de	36
Figura H8	Quando aprendo	37
Figura I9	Aprendo melhor quando	38
Figura J10	Quando estou aprendendo	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
CAED	Coordenadoria de Ações Educacionais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TC	Termo de Confidencialidade
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
EC	Experiência Concreta
CA	Conceituação Abstrata
OR	Observação Reflexiva

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 A EDUCAÇÃO SUPERIOR E O PROCESSO DE INCLUSÃO.....	15
2.2 ESTUDANTE SURDO E SUA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO.....	16
2.3 ESTILOS DE APRENDIZAGEM: INVENTÁRIO DE KOLB	18
3 METODOLOGIA	21
3.1 AMOSTRA/POPULAÇÃO ALVO	23
3.2 TÉCNICA DE COLETA E DE ANÁLISE DE DADOS	23
3.3 ASPECTOS ÉTICOS.....	23
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
4.1 ESTILOS DE APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES SURDOS	25
4.2 APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO SUPERIOR	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41
ANEXO	43
ANEXO A- AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	43
Suprimido documento por conter informações pessoais.	43
APÊNDICES	44
AUTORIZAÇÃO	46
APÊNDICE B- TERMO DE CONFIDENCIALIDADE	47
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO	48

Contrariamente a uma crença instalada, a auto-regulação da aprendizagem não apresenta uma natureza nem uma origem asocial. Cada processo ou comportamento auto-regulatório, tal como o estabelecimento de um objectivo, a realização de um sumário ou o estabelecimento de auto consequências, pode ser ensinado directamente ou modelado pelos pais, professores ou colegas. De facto, os alunos auto-reguladores da sua aprendizagem procuram ajuda de modo a melhorarem a qualidade da sua aprendizagem. O que, claramente, os identifica como “auto-reguladores” a sua aprendizagem não é tanto a sua proficiência na utilização isolada de estratégias de aprendizagem, mas sim a sua iniciativa pessoal, a sua perseverança na tarefa e as competências exibidas, independentemente do contexto onde tal aprendizagem ocorre. (ROSÁRIO; NÚÑEZ; GONZÁLEZ-PIENDA, 2006, p. 101).

APRESENTAÇÃO

Ao realizar o Curso de Especialização em Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, procurei compreender como ocorrem os estilos de aprendizagem do estudante surdo, relacionado às formas de sua aprendizagem durante a graduação.

Por meio de leituras e trabalhos relacionados à temática se ampliou o desejo de conhecer os acadêmicos frente ao processo de aprendizagem. Baseando-se nisso o interesse de estudar sobre a gestão educacional na Educação Superior, se fortaleceu.

A preferência pela Educação Superior transcorreu-se a partir dos trabalhos realizados no decorrer da graduação, junto à temática ocorreram algumas inquietações sobre os Estilos de Aprendizagem de estudantes surdos na Educação Superior frente suas estratégias de estudo e práticas de seu cotidiano na academia. Dentro do mesmo contexto o trabalho como bolsista de pós-graduação na Coordenadoria de Ações Educacionais (CAED) com a função de Educadora Especial realizando atendimento educacional especializado a estudantes com deficiência na Educação Superior, dentre estes atendimentos a inúmeros estudantes surdos. Essa experiência trouxe mais inquietações acerca desta aprendizagem, e a vontade de buscar novas respostas em relação ao assunto, culminando com a realização dessa pesquisa que se materializa no texto a seguir.

1 INTRODUÇÃO

Entendemos as competências como o conjunto de conhecimentos, destrezas e atitudes necessários para exercer uma determinada tarefa, e para resolver problemas de forma autónoma e criativa. No domínio dos processos de aprendizagem, referimo-nos às competências instrumentais, relacionadas com os conhecimentos sobre como lidar com a informação e organizar os recursos pessoais e estratégicos; às competências sistémicas, as quais fazem referência à aplicação dos conhecimentos as situações concretas; e, por fim, às competências interpessoais, relacionadas com a comunicação, cooperação e o incentivo à participação conjunta (Hernandez-Pina, Clares, Rosário & Espín, 2005). A chave está em que estas competências possibilitem a tarefa de aprender, promovendo o saber, o saber fazer, o saber ser e o saber estar, de forma que a educação universitária desempenhe um papel fundamental na preparação efectiva para aprender ao longo da vida. (ROSÁRIO; NÚÑEZ; GONZÁLEZ-PIENDA, 2006, p. 99).

Este trabalho versa em torno da temática “Estilos de Aprendizagem de estudantes surdos na Educação Superior”. Com o segmento na Linha de Pesquisa LP2 – Gestão Pedagógica e Contextos Educativos.

No Brasil, ocorreram avanços relacionados à pessoa com deficiência no que se refere às políticas, mais especificamente a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) que foi incumbida por consolidar aspectos normativos sobre a inclusão, a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), Declaração sobre Educação para Todos (UNESCO, 1990), Convenção das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2007) e, mais recentemente, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (BRASIL, 2015), que dentre outros aspectos, determina os direitos da pessoa com deficiência no âmbito educacional, inclusive na Educação Superior.

Na Conferência Mundial de Educação Especial (BRASIL, 2003) realizada entre os dias 7 e 10 de junho de 1994 na Cidade de Salamanca na Espanha, ocorrendo com a primordialidade e urgência de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais, foi proclamada que toda pessoa possui direitos iguais à educação por isto é dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, toda pessoa possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas.

Em relação à Educação Especial a Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994) apresenta orientações, sentidos para pensar ações em níveis nacionais, regionais e internacionais. Os gestores de escolas têm papel substancial em relação a todas as crianças que apresentam necessidades especiais, com referência aos jovens estudantes, fazendo com que tenham voz para o seu próprio crescimento e pertencimento ao espaço que está inserido, desempenhando funções, potencializando suas habilidades.

Para Silva e Duarte (2015) a Conferência Mundial de Educação Para Todos, realizada em 1990, em Jomtien na Tailândia, foram promovidos esforços para universalizar o ensino fundamental e erradicar o analfabetismo.

Esta Conferência potencializou a agenda das políticas educacionais dos países em desenvolvimento na década de 90. No Brasil, os compromissos proclamados pela Declaração de Jomtien, da qual o Brasil se tornou um dos países signatários, suscitaram um intenso debate e orientaram a elaboração do Plano Decenal de Educação para Todos (BRASIL, 2003).

A Declaração Mundial de Educação para Todos (BRASIL, 2006), retratou uma grande preocupação em atender às necessidades básicas de aprendizagem a todas as crianças, jovens e adultos apresentando possibilidades de desenvolvimento, qualidade de vida, participação na sociedade, tomada de decisões.

Com referência à Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), aprovada pela Assembleia no dia 22 de dezembro e promulgada em 5 de outubro do mesmo ano, concedeu numerosas garantias constitucionais com o objetivo de proporcionar maior efetividade aos direitos dos cidadãos, assegura direitos fundamentais do país, que contornam direitos individuais, sociais, políticos e jurídicos, garantindo a inclusão de pessoas com deficiência na sociedade.

Em junho de 2008, o Congresso Nacional do Brasil asseverou a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela

Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU, 2006). De acordo com Caiado (2009) esse documento internacional, passou pelo Congresso confirmando o compromisso do Estado perante a comunidade internacional de respeitar, obedecer e fazer cumprir as obrigações previstas no documento.

Ainda assim, encaminhamentos foram realizados efetivando e fortalecendo fundamentos, transferindo e amparando de forma efetiva as pessoas com deficiência, no entanto originaram-se políticas públicas dentre elas a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015) garantindo às pessoas com deficiência direitos a igualdades de oportunidades com as outras pessoas sem sofrer nenhum tipo de discriminação, direito à vida, saúde, educação, trabalho, esporte, mobilidade.

Com o avanço das políticas, mudanças ocorreram no que se refere à valorização da pessoa com deficiência e seus direitos. Muito se tem realizado em prol da inclusão, em todos os níveis de ensino e o ingresso destes estudantes na Educação Superior vem reforçando a necessidade de pertencimento a um espaço que foi conquistado durante décadas. A preocupação então se intensificou de maneira a pensar na aprendizagem destes acadêmicos frente a inúmeras barreiras existentes neste processo.

Segundo Pavão et al. (2018) a aprendizagem é compreendida (entendida) como um processo, ou vários e diferentes processos, uma vez que pode ocorrer em momentos e em diferentes espaços, por isso, compreendida a partir da ação que repercute inevitavelmente em uma mudança de comportamento.

Esta pesquisa vai ao encontro com o processo de ensino e aprendizagem de pessoas com deficiência, mais especificamente em acadêmicos surdos da Educação Superior, elencando estratégias, métodos de estudo que acontecem no dia a dia dos estudantes a fim discutir o Estilo de Aprendizagem do estudante surdo durante a graduação. Com utilização do Inventário de Estilos de Aprendizagem de Kolb (CERQUEIRA, 2008; TREVELIN, 2011; DANTAS, 2011), no qual se utilizará de quatro modelos de aprendizagem que serão descritos logo mais na metodologia.

Conquistando espaços às pessoas com deficiência percorreram enfrentamentos e processos de autoconhecimento, com êxito introduziram-se a Educação Superior, iniciando um percurso de conquistas frente a desafios, com as políticas de inclusão somente aumenta o número de egressos, motivando e auxiliando outros estudantes a estarem na Educação Superior.

A inclusão de pessoas com deficiência na Educação Superior em nosso país é garantida por diversas políticas públicas. Entende-se que a abertura de vagas e a ideia de ampliação do acesso não garantem de fato uma inclusão efetiva de pessoas com deficiência no contexto acadêmico (PAVÃO; FIORIN; SILUK, 2013). Ainda assim, percebe-se a existência de barreiras arquitetônicas, atitudinais e até mesmo de comunicação, o que vem reforçando o conjunto de fatores que desafiam este processo. No momento em que se discute sobre barreiras, se menciona o Estatuto da pessoa com deficiência (BRASIL, 2015, Art.3º)

barreiras podem ser denominadas como qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros, classificadas em: barreiras urbanísticas, barreiras arquitetônicas, barreiras nos transportes, barreiras nas comunicações e na informação, barreiras atitudinais, barreiras tecnológicas.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) evidencia que o objetivo da Educação Especial no âmbito da Educação Superior é promover ações que permitam o acesso, a permanência e a participação dos estudantes com deficiência na Universidade. Pensar em estratégias de ensino capazes de suprir ou ao menos amenizar a distância ainda existente sobre a inclusão de pessoas com deficiência, buscando no método de ensino aprendizagem para estes estudantes. Busca-se com este estudo contribuir com futuras pesquisas acerca da aprendizagem de estudantes surdos.

Decorrente desse contexto, o problema da pesquisa se configurou com a seguinte questão: qual o estilo de aprendizagem de estudantes surdos na Educação superior? Teve como objetivo geral discutir os estilos de aprendizagem de estudantes surdos durante a graduação.

E como objetivos específicos: abordar por meio do inventário de Kolb a ocorrência das formas do aprendizado, em função do estilo de aprendizagem do estudante surdo; entender o estilo de aprendizagem durante o processo de ensino do estudante surdo na graduação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Sei, percebi, que não serve de nada querer mudar a vida de alguém se o próprio não o quiser. Enfim... Como vai o meu estudo? Voltou a ribombar cá dentro. Depois de muito pensar – talvez o meu mal seja pensar demasiado –, sinto que enquanto deixar esta questão respirar, enquanto não colocar um ponto final no meu estudo, enquanto alimentar a minha insatisfação, procurando responder à questão sem me contentar com a resposta, talvez o estudo vá bem. (ROSÁRIO; NÚÑEZ; GONZÁLEZ-PIENDA, 2006, p. 95).

O referencial teórico que alicerça este trabalho partiu de revisões bibliográficas, sobre a temática da Educação Superior, Processo de Inclusão, Inventário de Kolb e seus estilos de aprendizagem.

2.1 A EDUCAÇÃO SUPERIOR E O PROCESSO DE INCLUSÃO

No Brasil, é notório o aumento de pessoas com deficiência a ingressar na Educação Superior, bem como o aumento significativo de medidas adotadas pelas universidades para atender este público, buscando adaptar o modelo de ensino a este aluno, diferente de como ocorria anteriormente, onde o aluno que se adaptava ao sistema de ensino (SASSAKI, 2006). A década de 1990 destacou-se como um período histórico significativo para o movimento reconhecido como educação inclusiva, que visa garantir às pessoas com deficiência o direito à educação em Instituições de Ensino.

A partir desse período, houve um avanço na constituição de políticas públicas voltadas à educação das pessoas com deficiência. Entre os documentos que objetivam assegurar esse direito aos brasileiros, destacam-se a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN n. 9.394/96 (BRASIL, 1996), o Plano Nacional de Educação para Todos, de 2001 (BRASIL, 2001), e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, de 2008 (BRASIL, 2008), assim como a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN), nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), reserva o capítulo IV (Art. 43 a 57) para a

Educação Superior. De acordo com esse documento, a Educação Superior se caracteriza por algumas especificidades, dentre as quais a que destina à União a competência para estabelecer as normas para esse nível de ensino.

Como forma de regulamentar e operacionalizar o que está posto na Lei 9.394/96, ela promove a descentralização e a autonomia para as universidades, além de instituir um processo regular de avaliação do ensino das instituições (BRASIL, 1996, Art. 46).

Segundo Fernandes e Almeida (2007), a inclusão do estudante com deficiência na Educação Superior vai muito além de facilitar o seu ingresso e sim auxiliar no que for necessário para sua permanência e por meio de políticas de reservas de vagas. A Universidade deverá criar condições para que o estudante seja inserido no ambiente universitário de modo a promover não apenas sucesso acadêmico, contudo promover sua aprendizagem e bem estar para seu pleno desenvolvimento. Isto envolve mudanças e/ou adaptações em variados aspectos por parte da comunidade universitária, como adaptação de materiais, acessibilidade física, capacitação de docentes, servidores e demais estudantes quanto ao conhecimento sobre as deficiências, entre outros.

Contudo, fica evidente a necessidade de compreender a inclusão em uma instância geral, que não realize segmentações, mas garantam, além da igualdade, a equidade em condições no que se refere ao acesso e permanência, conforme previsto pelo artigo 206 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988).

Diante disso evidencia-se a importância do cenário acadêmico para estudantes com deficiência, a valorização de seu espaço, de profissionais e de toda a comunidade em prol de potenciais progressos.

2.2 ESTUDANTE SURDO E SUA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO

A utilização da expressão “surdo” corresponde a mais utilizada pelos próprios surdos (BEHARES, 1993). “Do ponto de vista clínico comumente se caracteriza a surdez pela diminuição da acuidade e percepção auditiva que dificulta a aquisição da língua oral de forma natural” (QUADROS, 2004, p. 10).

A pessoa surda tem a sua identidade na comunicação sendo percebida nos ambientes, pois utiliza as mãos para se expressar podendo se utilizar da

mediação de um intérprete de língua de sinais, a leitura, a escrita e possibilidades de fala se desejar (SILVA, 2015, p. 36).

Diante desta perspectiva, a surdez tem sido compreendida com uma característica cultural marcada pelo emprego da Língua de Sinais componente importante para as pessoas que as aplicam de maneira expressiva.

Em 2002 a promulgação da Lei Nº 10.436/2002 que reconhece a Libras como meio legal de comunicação como um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, oriundo de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) expressa uma unanimidade nos movimentos surdos, mas nesta última década os posicionamentos da comunidade surda vêm-se (re) configurando, sendo que as discussões relativas às políticas educacionais ganharam contornos de possibilidades, de reafirmação, de iniciativas e de mobilização do povo surdo (THOMA; KLEIN, 2010). Com o passar dos anos a comunidade surda engajou-se na luta pelos seus direitos garantindo seus espaços de voz na sociedade.

A partir dos anos 90, houve uma grande consolidação dos movimentos Surdos, onde o Rio Grande do Sul em conjunto com estudiosos da área da Educação, impulsionaram lutas que, favoreciam imprescindibilidade de identificação da Língua de Sinais como primeira Língua dos Surdos (THOMA; KLEIN, 2010). Estima-se a importância desta luta a fim de garantir a valorização da Língua e o respeito ao público.

A gestão educacional, para Luck (2008), ganhou destaque dentro do processo educacional a partir do ano de 1990 e vem trazendo o diálogo de orientação nos sistemas de ensino. Esse novo entendimento sobre gestão permite ao gestor ter uma melhor preparação para o desempenho de suas funções, de modo a colaborar para o melhor funcionamento da Instituição de Ensino.

Ainda sobre gestão educacional nas instituições públicas da Educação Superior, acrescenta Garcia (2006, p.127):

A gestão educacional, entendida como conjunto de ações articuladas de política educativa, em suas distintas esferas que caracterizam um país como o Brasil, onde a União, estados e municípios têm responsabilidades solidárias no cumprimento do dever constitucional de oferecer educação pública de qualidade para todos, vivem dilemas decorrentes de um modelo que ainda está longe de ser eficiente.

Evidenciando este processo de gestão é necessário pensar que para o estudante surdo, o desafio de sua permanência está centrado na formação de qualidade, participação em atividades de pesquisa e extensão.

Partindo deste cenário, a inclusão de estudantes com deficiência representa uma importante iniciativa da Universidade em assumir uma missão institucional em resposta às demandas. Na Educação Superior devemos refletir em torno da construção desta temática, e as políticas de inclusão se fazem presentes na teoria e que de inúmeras formas e oportunidades estão trazendo um novo cenário para as pessoas com deficiência, o olhar atento e diferenciado ao acadêmico, solidez no processo de ensino aprendizagem e no pensar caminhos metodológicos, determinando estratégias capazes de trazer às habilidades deste aluno a frente de todas as diferenças.

Conforme aponta Ferreira (2005), a Educação Inclusiva tem como perspectiva uma ação reflexiva que considere as diversidades e personalidades de cada sujeito, visando à aprendizagem (qualitativa e significativa) e com isso a valorização pessoal e social. Dessa forma, é oportuno apresentar o conceito de inclusão, que segundo Sasaki (1997, p. 41) refere-se ao “processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir em seus sistemas sociais gerais pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade”.

Enfatiza-se a permanência de estudantes surdos na Educação Superior necessita ser continuamente alvo de discussão e estudo, uma vez que as barreiras atitudinais, construídas pela comunidade universitária devido à falta de compreensão de como lidar com as diferenças. Para beneficiar a inclusão dos estudantes na Educação Superior é necessário que as políticas de acesso sejam asseguradas, bem como as de permanência, valorizando as especificidades de cada sujeito (MATOS, 2015).

A educação inclusiva de um modo geral ainda se constitui em desafio significativo para as instituições em todos os níveis de ensino.

2.3 ESTILOS DE APRENDIZAGEM: INVENTÁRIO DE KOLB

Os estilos de aprendizagem podem ser estabelecidos como um conjunto de situações por meio do qual os indivíduos concentram-se, entendem, processam e transformam uma informação em conhecimento, ou seja, são as preferências na

forma de captar, organizar e transformar a informação para facilitar a sua compreensão (KOLB, 1984; CERQUEIRA, 2000; SILVA, 2006).

Segundo a teoria da aprendizagem Experiencial de Kolb são quatro dimensões de desenvolvimento: estrutura afetiva; estrutura perceptual; estrutura simbólica e estrutura comportamental. Essas estruturas estão vinculadas ao processo de aprendizado.

Este modelo dedica-se a identificação individual e coletiva dos participantes, método denominado “Inventário de Kolb” (KOLB, 1976) composto de algumas sentenças associadas às opções (A, B, C, D), onde cada uma destas recebe um peso de 1 a 4. A partir de então se podem calcular quatro índices: EC: Experiência concreta (Sentir), CA: Conceituação Abstrata (Pensar), OR: Observação Reflexiva (Observar) e EA: Experimentação Ativa (Fazer). As características de cada um desses índices são descritas abaixo:

A Experiência Concreta (EC) está baseada em experiências, de maneira que o aprendizado se fundamenta em ponderações voltadas aos sentimentos. Os indivíduos deste estilo possuem características de pessoas empáticas, em geral costumam achar questionamentos teóricos dispensáveis. A aprendizagem destes indivíduos normalmente ocorre por meio de exemplos particulares onde possam se sentir incluídos. Outra característica está relacionada à tendência de relacionamento mais próximo com os outros estudantes do que propriamente com seus professores.

A Conceituação Abstrata (CA) está fundamentada em raciocínio lógico, indivíduos com esta características tendem estar voltada a simbologia, na grande maioria poderão se sentir desanimados, sua aprendizagem relaciona-se com a elaboração de ideias e criações de possibilidades.

A Observação Reflexiva (OR) mostra uma abordagem por tentativas, realizando avaliações de observações, normalmente escolhem aprender assistindo dando ênfase em sua função de observador tende a ser reservados.

A experimentação ativa (EA) designa fortemente ações para atividades práticas, pessoas que apresentam esta característica possuem a tendência em ser rápidos nas tomadas de decisões.

Conforme Kolb (1984), além do perfil “ASSIMILADOR” que fará parte dos destaques ainda se pode colocar a existência de outros três:

Acomodador que está situado no quadrante superior esquerdo do Plano Cartesiano de Kolb, estes sujeitos possuem preferências de aprendizagens

baseadas na experimentação ativa e na experiência concreta. Moldam-se bem às condições momentâneas, aprendem, sobretudo, fazendo coisas, aceitando desafios.

Divergente que está situado no quadrante superior direito, indivíduos que se revelam por possuir habilidades para dominar situações variadas.

Convergente situado no quadrante inferior esquerdo, estes indivíduos compreendem por conceitos abstratos e experimentação ativa, revelam-se por suas práticas de ideias e pelo raciocínio dedutivo.

Cerqueira (2000, p. 53) descreve os estilos de aprendizagem, sobre o enfoque da teoria da aprendizagem experiencial de Kolb, como sendo “um estado duradouro e estável que deriva de configurações consistentes das transações entre o indivíduo e o seu meio ambiente”. Por isso, a importância de entender sobre a aprendizagem de acadêmicos surdos dentro de seu espaço de produção e meio no qual há interação e trocas, por ser um contexto interdisciplinar.

Significativo destacar que no decorrer do processo acadêmico a tendência estará concentrada na vivência de diferentes momentos e experimentações, pois construímos a todo o instante estando em constante transformação.

Ambos também são representados conforme formato do plano cartesiano (Fig.1).

Figura 1: Plano Cartesiano de Kolb



Fonte: (DANTAS, 2011).

Para apresentação ainda mais detalhada será demonstrada as perguntas e respostas obtidas pelos acadêmicos através do questionário.

3 METODOLOGIA

- *O que posso fazer?*
- *“O vazio de um dia perdido nunca será preenchido”, por isso é importante reflectires bem sobre o aproveitamento do tempo. Dizem os entendidos que a gestão do tempo é um dos factores mais importantes no sucesso escolar dos alunos universitários? (ROSÁRIO; NÚÑEZ; GONZÁLEZ-PIENDA, 2006, p. 46).*

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi pautada pela aplicação de um instrumento, denominado *Inventário de Estilos de Aprendizagem*, construído por Kolb em 1976 (KOLB, 1976).

Quanto à abordagem identifica-se como uma pesquisa qualitativa, pois está baseada em interpretação de dados coletados. A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização.

Segundo Goldenberg (1997) os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defendem um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. O desenho da pesquisa abrange aspectos relativos à definição de todos os procedimentos adotados em sua trajetória (Quadro 1).

Quadro 1- Desenho da pesquisa.

TIPO	PROCEDIMENTO	APLICAÇÃO
Quanto à natureza:	Pesquisa Aplicada	Coleta de dados no campo de estudo
Quanto à abordagem:	Pesquisa Qualitativa	Discussão dos dados obtidos
Quanto aos objetivos:	Pesquisa analítica	Discussão dos dados levantados, buscando entender as especificidades da aprendizagem do estudante surdo.
Quanto aos procedimentos:	Estudo de caso	Aplicação de questionário
Quanto à análise e interpretação:	Análise Qualitativa	Cruzamento dos dados obtidos com a literatura na área.

Fonte: Autores.

Quanto à natureza da pesquisa definiu-se como pesquisa aplicada, uma vez que Prodanov; Freitas (2013) a entendem como uma pesquisa que tenha envolvimento com verdades e interesses locais, objetivando a geração de conhecimentos para aplicação na prática e dirigida à solução de problemas específicos.

Em relação aos objetivos institui-se como uma pesquisa analítica- descritiva, em razão de que Prodanov; Freitas (2013) explicam que o pesquisador somente registra e descreve os fatos sem envolver-se neles, descrevendo características ou estabelecendo relações entre variáveis.

Para realização do estudo, primeiramente cada participante realizou o preenchimento de um questionário individual (APÊNDICE C) atribuindo uma alternativa que designou própria para cada questão. Após realizou-se o levantamento por parte da pesquisadora onde as respostas obtidas foram pontuadas (Pesos) de acordo com o questionário de Kolb (1976), de tal forma a designar graficamente o perfil de cada participante.

3.1 AMOSTRA/POPULAÇÃO ALVO

Os sujeitos que participaram desta pesquisa foram acadêmicos surdos de uma Instituição Federal de Educação Superior (IFES). Para a seleção dos estudantes que participariam da pesquisa, adotou-se o critério de estarem em atendimento no setor responsável na IFES, neste caso foi um Núcleo de Acessibilidade. Os estudantes foram contatados mediante autorização do Núcleo os quais recebem atendimento de tradução interpretação, que disponibilizou os endereços eletrônicos dos acadêmicos, para que a pesquisadora pudesse enviar os convites para participação na pesquisa, tudo de acordo com os preceitos da ética em pesquisa com seres humanos. O total de alunos surdos nessa instituição, informado pelo Núcleo de Acessibilidade, é de 19 estudantes.

De 19 surdos contatados somente três deles aceitaram participar da pesquisa, a escolha pelos estudantes surdos ocorreu devido ao interesse de conhecer sobre o processo de ensino aprendizagem.

3.2 TÉCNICA DE COLETA E DE ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados foi produzida por meio de um questionário fechado (APÊNDICE C), denominado Inventário de Kolb, realizado com os acadêmicos surdos, registrados no Núcleo de Acessibilidade da Instituição. O questionário foi enviado por email de forma individual.

A análise desses dados foi do tipo descritiva e interpretativa (PRODANOV; FREITAS, 2013). Os participantes são apresentados e nomeados na análise, pelas letras A, B e C. A pesquisa descritiva expõe fatos registrados, classificados e interpretados.

3.3 ASPECTOS ÉTICOS

Cabe salientar que os procedimentos desta pesquisa que em conformidade com a ética na pesquisa com seres humanos, utilizou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Confidencialidade (TC) (APÊNDICES A e B).

Para sua realização foi aplicado um questionário denominado Inventário de Estilos de Aprendizagem, de forma virtual na plataforma Google drive, sendo

enviado por e-mail aos participantes. O consentimento para participar da pesquisa deu-se pela concordância em responder ao questionário, uma vez que o TCLE antecedeu o questionário com as opções de concordo ou não em participar.

A possibilidade de riscos, desconfortos ao responder o questionário foram pautadas e elencadas, como: não se sentir à vontade para participar, ou não querer responder alguma questão, pois lembra alguma frustração durante a trajetória escolar e acadêmica. Ocorrido algum problema relacionado com a pesquisa, o participante teria direito à assistência gratuita que foi prestada pelas pesquisadoras, com esclarecimento de dúvidas. As estratégias e procedimentos utilizados para prestar esse atendimento, a problemas que sejam comprovadamente causados por essa pesquisa, se deu por meio de esclarecimento de qualquer dúvida referente à pesquisa, explicação de termos e conceitos utilizados na pesquisa, indicação de leituras para complementar a prática, e também, orientações, caso necessário, a busca de outros acompanhamentos pertinentes à situação apresentada.

Os benefícios esperados foram voltados à aprendizagem do acadêmico surdo a fim de colaborar com o desempenho acadêmico. Durante todo o período da pesquisa o participante teve a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando, finalmente, decido estudar, a minha famélica atenção foge sem resistência levada por qualquer ruído, pensamento ou chamamento. Como é que estarão a sobreviver os dois pandas no jardim zoológico de Sentinela-a-Velha? O bambu estará dentro do prazo? A água terá cloro suficiente? Com tantos distractores quem é que consegue estar concentrado e estudar? (ROSÁRIO; NÚÑEZ; GONZÁLEZ-PIENDA, 2006, p. 27).

Neste capítulo, são apresentados e discutidos os resultados desta pesquisa. A exposição desses resultados, que tiveram como método a análise de conteúdo categorial (BARDIN, 2011) será apresentada por meio de categorias, tendo como base os objetivos da pesquisa.

Assim, as categorias, que constituem as partes dessa análise, receberam as seguintes denominações: 1) Estilos de aprendizagem dos estudantes surdos; 2) Aprendizagem na Educação Superior.

4.1 ESTILOS DE APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES SURDOS

Essa categoria inicial abrange um dos pontos centrais desta investigação, discutir o Estilo de Aprendizagem do estudante surdo durante a graduação.

É fundamental para os docentes entenderem os estilos de aprendizagem de seus discentes para efetivar os objetivos de ensino. Mas, conforme Cerqueira (2000), o docente na melhor das intenções, normalmente ministra sua aula conforme a maneira que gostaria de aprender, considerando o seu estilo de aprendizagem e não de seus discentes.

Com base nas informações geradas através do questionário de Kolb (1976), identifica-se que os estilos de aprendizagem dos acadêmicos participantes neste estudo denominam-se de forma igualitária, onde apresentam o mesmo estilo. O questionário aplicado gerou gráficos que expressam pontuações a cerca de caracterizar este modo, delimitando-os ao quadrante OR (Observação reflexiva) na coordenada X e ao quadrante CA (Concentração Abstrata) na coordenada Y conforme apresentação nas figuras 1, 2 e 3. Onde uma reta traçada entre as

maiores pontuações determina que os membros correspondam ao perfil assimilador. Este perfil caracteriza o abstrato e reflexivo em sua forma de aprender, tem por característica principal o formato teórico de aprendizagem.

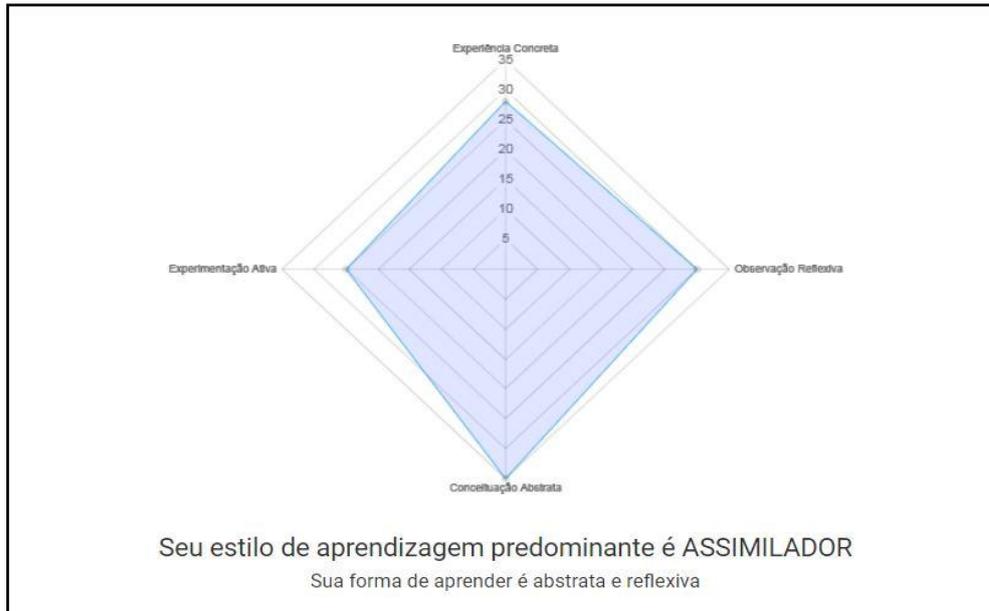
Através destes dados obtidos compreende-se o identificador referente gestão dos acadêmicos, a qual reflete em seu processo de estruturação e assimilação dos estudos durante o período da sua graduação.

Sabe-se que em decorrência do tempo o sujeito pode assimilar e compreender novos assuntos, temas e outros aspectos que colaboram para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de sua técnica, estratégia e organização, com isto, o aprendizado assemelha-se a uma “exponencial”. Isto significa que alguma alteração no processo de construção do conhecimento pode ser aprimorada estimando não modificar seu perfil já estruturado.

Na forma de aprendizagem abstrata e reflexiva, o sujeito tem facilidade com números e modelos conceituais, preferindo conceitos abstratos em detrimento de situações práticas. Compreende as informações de forma ampla e as organizam de forma clara e lógica. Tem propensão para a carreira científica. Gosta de explorar modelos analíticos e de ter tempo para pensar e refletir sobre as coisas. Esse estilo também é conhecido como teórico.

As figuras apresentadas para designar o estilo de aprendizagem dos participantes, recebeu o nome de Figura 1 (Participante A), Figura 2 (Participante B) e Figura 3 (Participante C), nomeadas pela autora como forma de apresentação dos resultados.

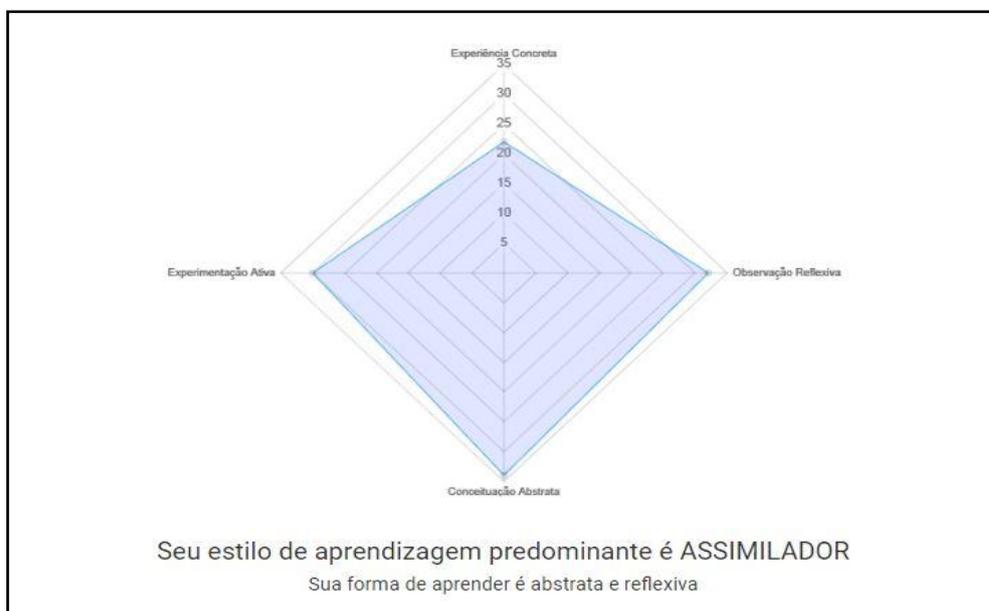
Figura 2: Estilo de aprendizagem participante A.



Fonte: Universidade Federal da Paraíba – Comunicação em Mídias Digitais.

O participante A representado nesta figura reporta-se a pontuações obtidas com maiores expressões, às quais analisando percebe-se o eixo das ordenadas “Y” no sentido negativo com 35 pontos e da mesma forma no eixo das abscissas “X” no sentido positivo com 30 pontos.

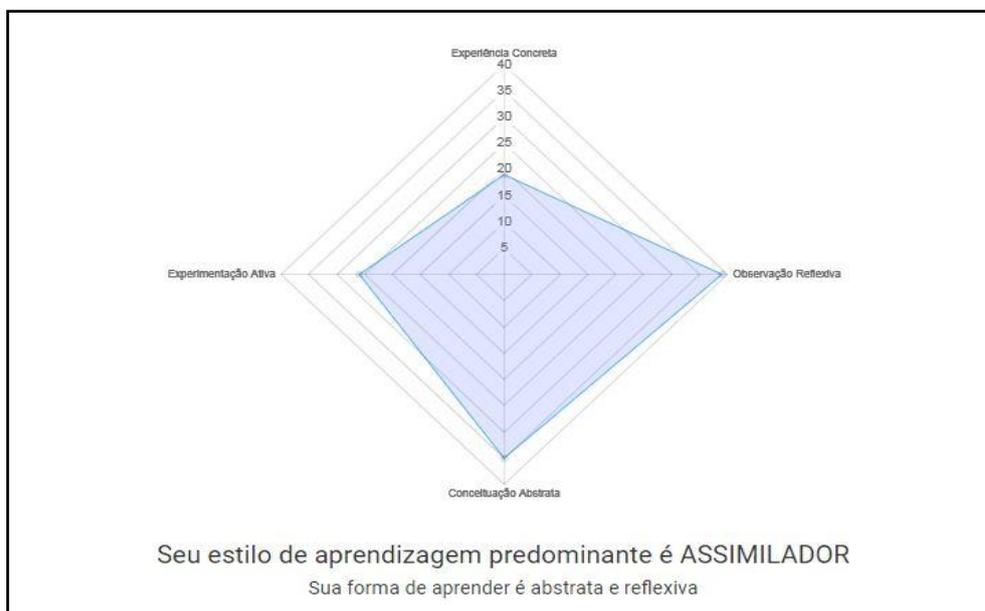
Figura 3: Estilo de aprendizagem participante B.



Fonte: Universidade Federal da Paraíba – Comunicação em Mídias Digitais Pág.1

O participante B reporta-se aos dados obtidos nos eixos com maiores expressões o qual analisando pode-se perceber maior pontuação no eixo das ordenadas “Y” no sentido negativo próximo aos 35 pontos e no eixo das abscissas “X” no sentido positivo acima de 30 pontos.

Figura 4: Estilo de aprendizagem participante C.



Fonte: Universidade Federal da Paraíba – Comunicação em Mídias Digitais.

O participante C traz como resultado os dados com maiores expressões o qual analisando percebe-se maior pontuação no eixo das ordenadas “Y” no sentido negativo de 35 pontos e da mesma forma no eixo das abscissas “X” no sentido positivo acima de 35 pontos.

Ambos os participantes apenas divergem na pontuação obtida em referência à forma de aprender representada graficamente, resultado de acordo com a aplicação do questionário de Kolb onde os pesos foram atribuídos de maneira individual e conseqüentemente gerando as informações obtidas.

O modelo de aprendizagem apresentado pelo teórico educacional Kolb (1984), apresenta estruturas de atividades que podem ser realizadas em ambiente escolar.

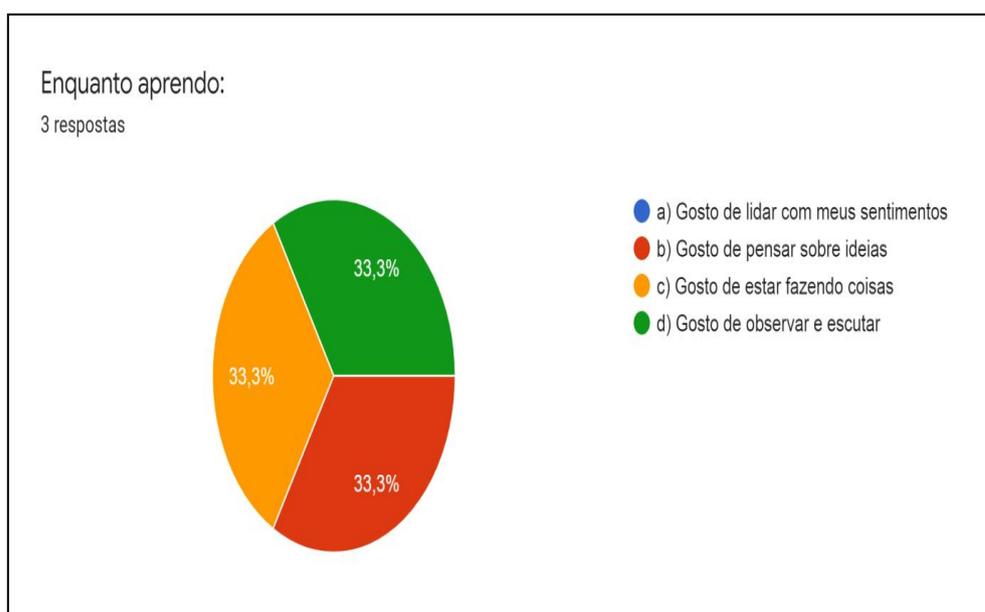
Foi possível identificar que o estilo de aprendizagem é individual e que envolvem ações que vão além das contribuições postas em sala de aula pelos docentes. Para Silva; Oliveira Neto (2010) complementam que os estilos de

aprendizagem são as situações por meio das quais os indivíduos começam a concentrar-se, absorver, processar e reter informações e habilidades novas e difíceis. Estas situações estão presentes nos estilos de aprendizagem dos participantes, através das observações, pensamentos e ideias.

Em decorrência dos estilos apresentados notou-se entre os participantes interesse em desenvolver situações e estratégias que os façam estar em envoltura a fatos teóricos, isto os remete a um ciclo de concentração e constante aperfeiçoamento.

É muito importante enfatizar o contexto em que o acadêmico está inserido no momento em que absorve conhecimento, sabe-se que a estrutura organizacional familiar e o enquadramento social podem afetar a desenvoltura e a sistemática em adaptar-se aos estímulos do aprender.

Figura A1: Enquanto aprendo



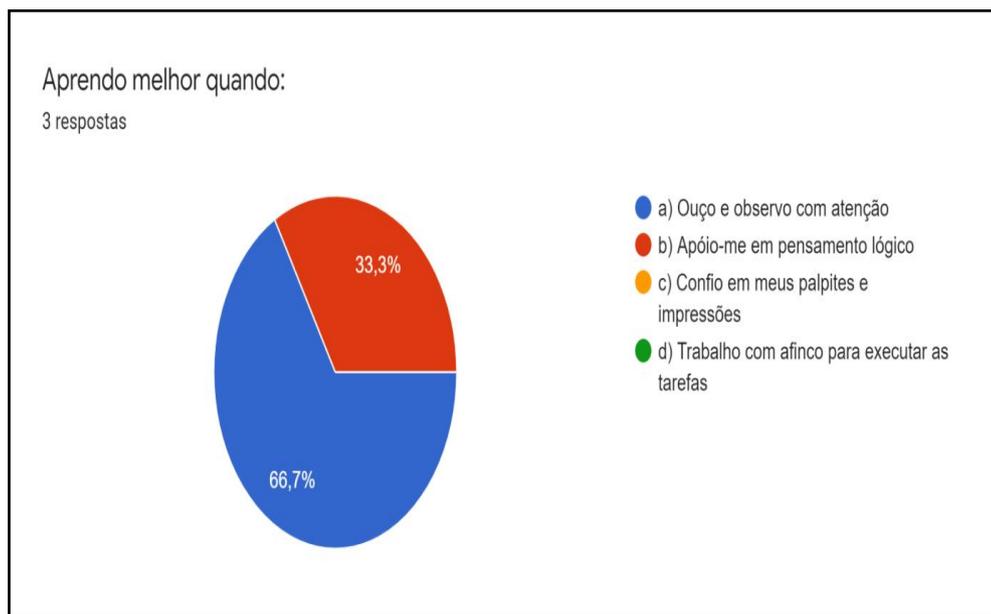
Fonte: Autores.

A figura A1 refere-se ao percentual relacionado ao “Enquanto aprendo”, nesta pergunta os acadêmicos responderam que gostam de aprender observando e escutando, gostam de estar fazendo coisas e gostam de pensar sobre ideias. O percentual obtido nestas alternativas escolhidas foi de 33,3% entre os membros.

Dessa forma aspectos importantes pode-se levantar a respeito deste resultado e relaciona-los a itens que contribuem neste processo. A importância do ambiente, concentração necessária, tempo destinado ao aprender e hábitos de leitura estimulam e contribuem nesta etapa.

Por conseguinte, a Figura B2 que expressa e contempla a visão dos acadêmicos sobre aprender.

Figura B2: Aprendo melhor quando



Fonte: Autores.

A figura B2 configura-se com 66,7% relacionado a “ouço e observo com atenção” e com 33,3% quanto ao “apoia-se em pensamentos lógicos”. Estes dados foram obtidos em decorrência das respostas em que foram submetidas aos acadêmicos participantes nesta pesquisa.

Para os autores Felder e Silverman (1988) a aprendizagem ocorre como um processo de duas fases circundando a recepção e o processamento da informação. No estágio da recepção, a informação externa (captada pelos sentidos) e a informação interna (que surge introspectivamente). Nota-se com estas informações que o indivíduo ao expor-se sobre situações que não os favoreça, o impedimento relacional a concentração poderá ser maior.

Diante disso consideram-se estilos de aprendizagem de acordo com DeBello (1990) apud Mendes (2006, p. 51) formas de relação no qual o sujeito assimila e

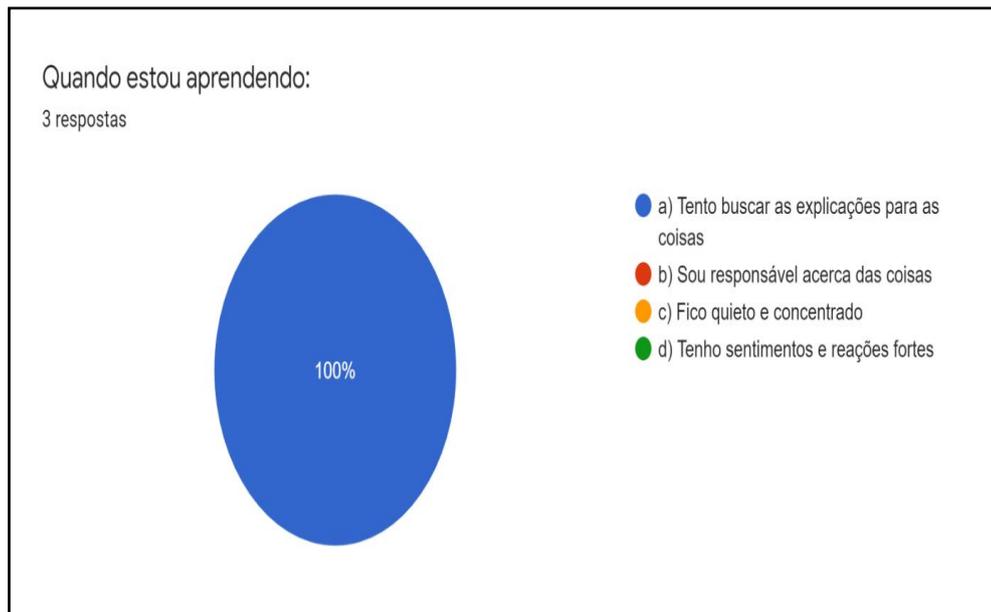
capta determinada informação. Para os sujeitos surdos assimilassem da mesma forma estas ideias, por fazer parte do contexto em que se revela o estímulo de aprender.

Assim pode-se dizer que a identificação deste estilo concede ao docente a utilização de estratégias de ensino aprendizagem que se aliem as preferências dos acadêmicos concomitantemente, possibilite e incentive a evolução de outros estilos, somando a isto a capacidade de utilidade e flexibilidade (BASÍLIO; VASCONCELOS, 2011).

O percentual referente às respostas obtidas no preenchimento do questionário permitiu que perfis fossem atribuídos “Estilos de aprendizagem” em virtude a forma de aprender, com base nestes dados fora feita a discussão dos estímulos de obtenção de conhecimento referente aos acadêmicos surdos.

De acordo com Curry (1983) o estilo de aprendizagem pode ser visto como a evolução interdependente de particularidades do indivíduo: sua personalidade, a forma como ele processam as informações recebidas, suas escolhas na interação social, o ambiente em que acontece seu aprendizado, as preferências pessoais de aprendizagem, como cada pessoa se concentra, processam, internalizam e retêm nova e complexa informação acadêmica. Para os participantes da pesquisa, a melhor forma de aprender é quando buscam explicações para as coisas, ou seja, quando eles internalizam dados em razão da proporção em que estas explicações sejam compensadas. Para isto métodos tais como leitura, mapas conceituais, estruturação visual e reflexiva ao conteúdo reforçam o estímulo caracterizado a estes estudantes.

Figura C3: Quando estou aprendendo

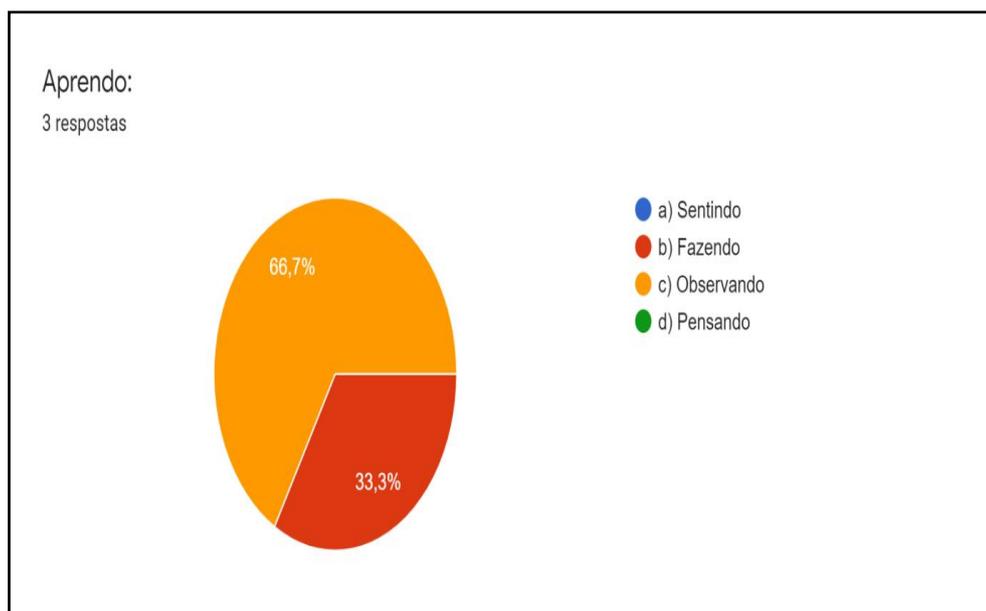


Fonte: Autores.

Para Vygotsky, o principal fato humano é a transmissão e assimilação da cultura. Assim, a aprendizagem é alcançada a uma posição de extrema importância, na medida em que se constitui em condição fundamental para o desenvolvimento das características humanas não naturais, mas formadas historicamente, o que equivale dizer, para o ser e agir no mundo.

O estudante torna-se responsável a partir do momento em que busca decisões acerca de suas escolhas, o estilo de aprendizagem que é fator preponderante tende a oscilar no decorrer do processo de acordo com suas escolhas e forma com que gesta sua aprendizagem para isso é importante que o estudante identifique sua forma de aprender, o que facilita sua aprendizagem (Figura D4).

Figura D4: Aprendo



Fonte: Autores.

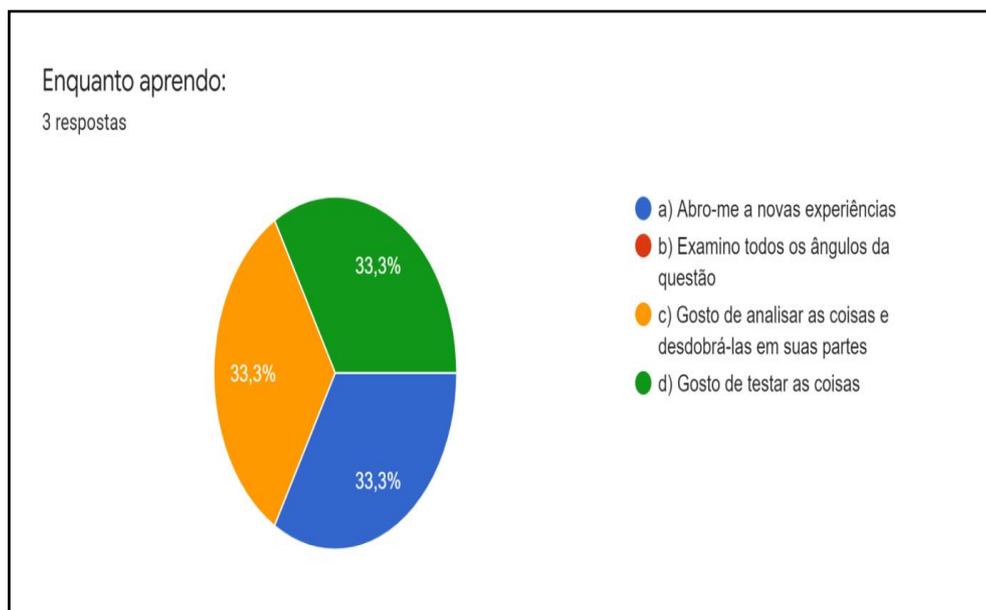
No momento em que há um reconhecimento do seu estilo de aprendizagem, cabe ao professor reconhecer os estilos de aprendizagem predominantes nos estudantes, concede ao docente empregar estratégias de ensino que se aproximem das preferências, ao mesmo tempo, favoreçam e incentivem o desenvolvimento de outros estilos, aumentando a capacidade de adaptabilidade e flexibilidade (BASÍLIO; VASCONCELOS, 2011).

O estudante surdo através de suas aprendizagens sociais e conhecimentos adquiridos tende a valorizar sua história, em razão de acreditar em sua cultura, fomentando seus princípios.

Autores como Vygotsky e Freire (2008) caracterizam o aprendizado como algo social e histórico, devido às relações vivenciadas estar situadas em um tempo e um ambiente específico, tornando-se um processo social, o aprendizado acontece via diálogo. Neste meio, o indivíduo é parte de suas tentativas, conhecimento é relevância para uma análise estabelecendo relações lógicas.

Deste modo, os princípios construídos no decorrer dos anos passam por um processo de transformação e valores, visando novas relações.

Figura E5 - Enquanto aprendo



Fonte: Autores.

A figura E5 corresponde à pergunta “Enquanto Aprendo”, onde 33,3% dos acadêmicos gostam de testar as coisas enquanto aprendem, gostam de analisar as coisas e desdobrá-las em suas partes e o restante está aberto a novas experiências.

O papel do professor neste processo de descoberta do estilo de aprendizagem tem função muito importante, visto que sua incumbência diz respeito ao direcionamento e mediação da aprendizagem, pois, em algumas vezes os estudantes não compreendem a linguagem do educador sobre determinado conteúdo e ao escutar os seus colegas conseguem compreender/aprender o conteúdo que está sendo ensinado (MASETTO, 2003).

O aprender vai além de compartilhar aprendizados, mas de receber e trocar conhecimentos visando à construção de novas aquisições.

4.2 APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

A aprendizagem reflete no ato da gestão do discente e docente a qual compete o ato de administrar e sistematizar práticas que gerenciem métodos e atribuições ao fluxo de execução de tarefas, remete a crença que estruturas de trabalho, prazos e responsabilidades são características para a conclusão das etapas visionadas ao elaborar determinado projeto, sendo este em qualquer etapa

de nossas vidas. A responsabilidade em alcançar metas definidas está interligada em conduzir recursos de modo eficaz.

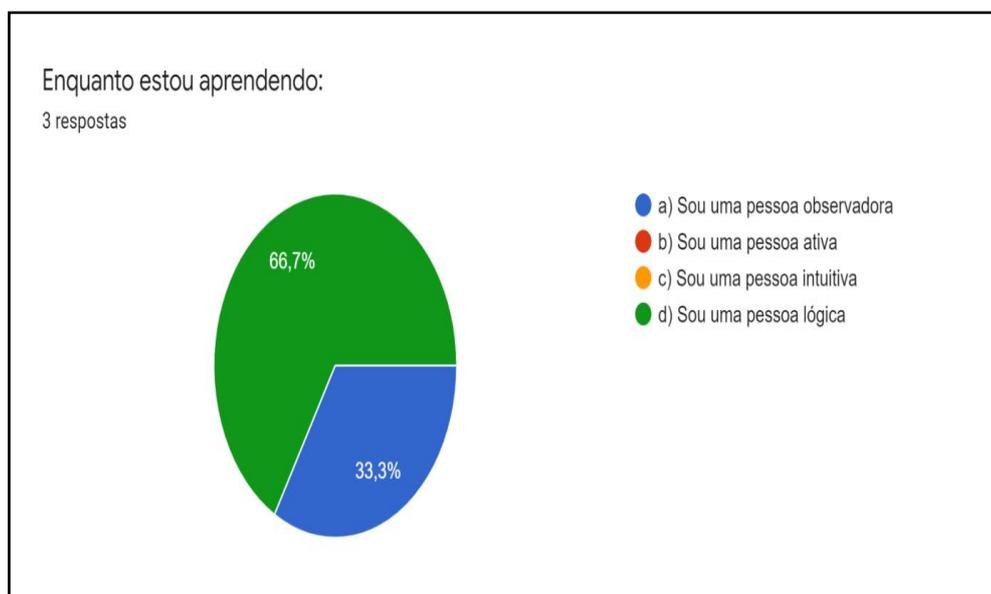
Quando se pronuncia aprendizagem faz-se necessário pensar no contexto em que se está inserido, juntamente com ênfase aos valores, competências e conhecimentos adquiridos.

Conforme Mattos (2002), o pensamento é um integrante favorável e fundamental para realizar transformações acerca da aprendizagem, mas não o suficiente. É preciso o estabelecimento e gestão de uma pauta de tarefas visando à superação, a aprendizagem e o desenvolvimento do objetivo inicial “aprender” junto ao processo de ampliação das capacidades em reter informações.

Juntamente a esta gestão são associados os estilos de aprendizagem que estão relacionados às maneiras como se aprende e se ensina algo, cada sujeito possui determinadas características próprias.

Para Schmitt e Domingues (2016) os estilos de aprendizagem condizem com atitudes distintas que auxiliam como indicadores do funcionamento da mente das pessoas, suas habilidades acerca de experiências para se conectar ao mundo. Já as fases de aprendizagem propostas por Kolb apresentam maneiras de comandar o processo educacional de estudantes, colaborando para revelar o andamento da aprendizagem. Com isto a corroboração da gestão educacional é fundamental para desenvolver-se no ambiente acadêmico em que se está inserido.

Figura F6 - Enquanto estou aprendendo



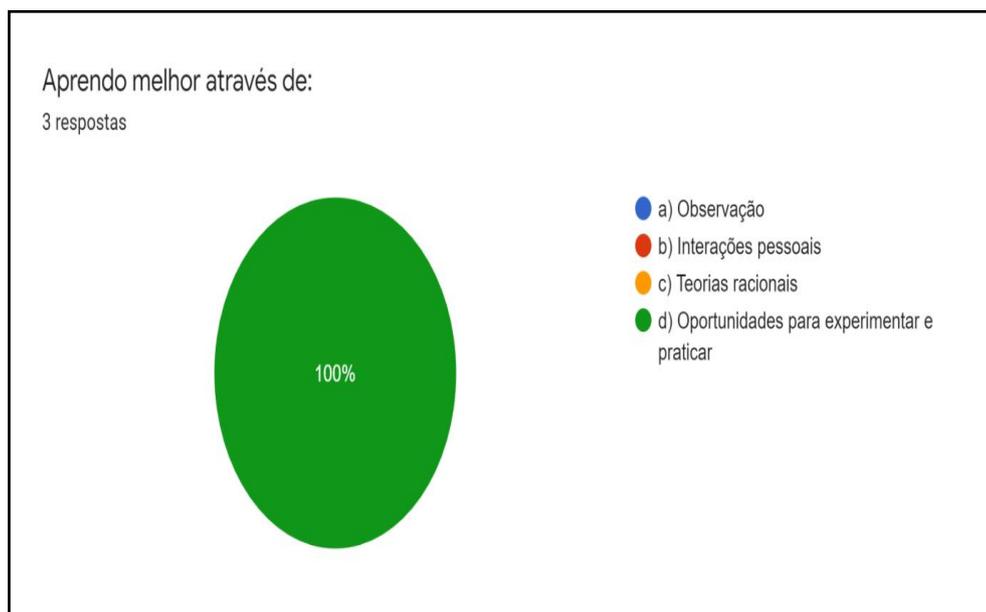
Fonte: Autores.

A figura F6 indica o quanto o estudante enquanto está aprendendo, apresenta 66,7% ser uma pessoa lógica e 33,3% dos acadêmicos dizem serem pessoas observadoras.

Importante destacar questões relacionadas há algumas dificuldades que podem surgir no decorrer do processo. Para Almeida e Soares et al. (2007), estas dificuldades ou níveis de rendimento podem ser elencados por vários fatores dentre eles podemos destacar a falta de conhecimento base para o curso, a um raciocínio dogmático e rígido, a falta de possíveis métodos de estudo, a baixa autoconfiança, a gestão destinada ao tempo de estudos, a clareza sobre sua motivação são alguns dos fatores relevantes para análise no decorrer do processo na academia.

Em relação ao maior percentual voltado a pergunta sobre o quanto estou aprendendo, devemos pensar que não existem respostas potencialmente corretas, visto que podemos determinar formas de aprender de acordo com o assunto e com o grau de relação tratado.

Figura G7: Como aprendo melhor



Fonte: Autores.

Em relação à Figura G7 “aprendo melhor através de”, corresponde a 100%, uma unanimidade entre os acadêmicos que responderam a esta pergunta afirma que

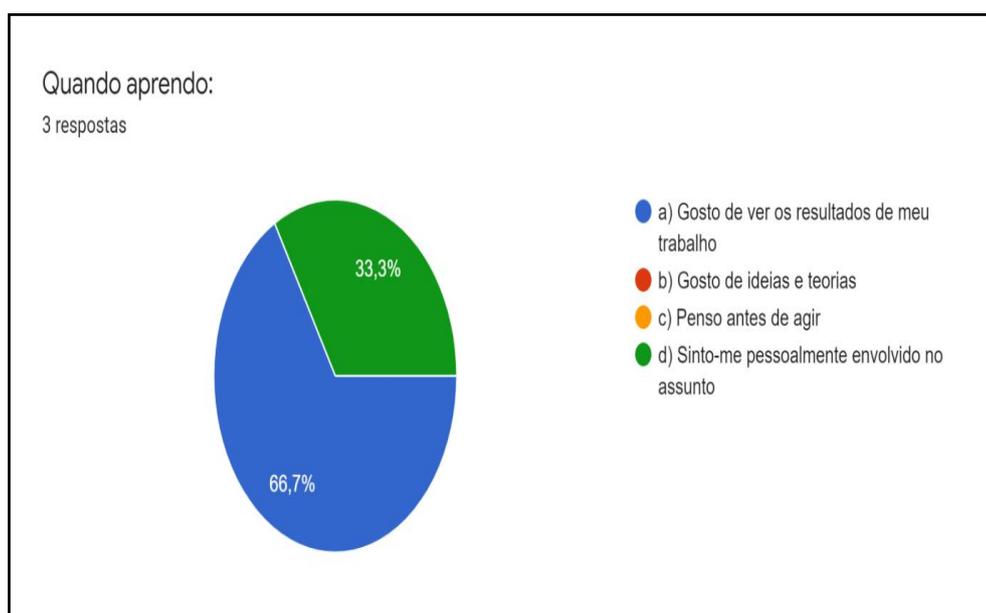
aprendem melhor através de oportunidades para experimentar e praticar.

Pode-se mencionar Howard Gardner (1999), a inteligência corporal/sinestésica, que é a inteligência de todo o corpo e mãos que nos habilita a controlar e interpretar os movimentos do corpo, a manipular objetos físicos, e a estabelecer harmonia entre a mente e o corpo.

Corroborando com algumas características em meados de 70, debatia-se sobre um modelo de aprendizagem que investigava a responsabilidade de determinadas habilidades ao “cérebro direito”, enquanto outras se destinavam ao “cérebro esquerdo”. (ARMSTRONG, 2001). Ao encontro com a mesma temática Gardner, que apoia a existência de oito sistemas cerebrais, moderadamente autônomos, tornando-se uma visão mais criteriosa e atualizada dos modelos de aprendizagem.

A importância da aprendizagem necessita de atenção especial, principalmente quando falamos de gestão educacional, o cuidado com experimentações, escolhas, atenção e gerenciamento de estratégias diárias de estudo e a concentração envolvendo tarefas do cotidiano.

Figura H8: Quando aprendo

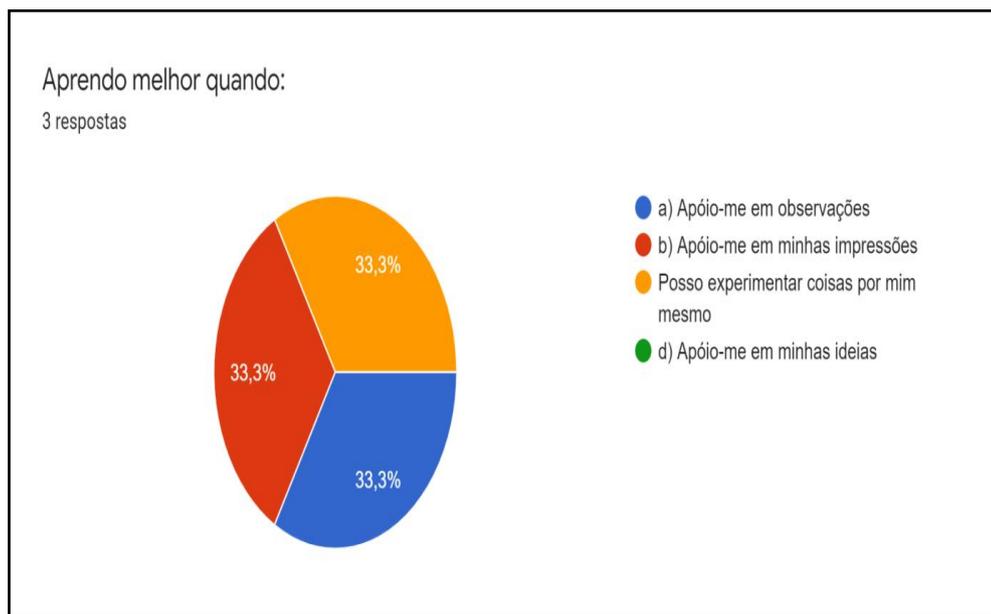


Fonte: Autores.

A figura H8 configura-se com 66,7% relacionado a “gosto de ver os resultados de meu trabalho” e com 33,3% “sinto-me pessoalmente envolvido no assunto”.

Batista e Silva (1998) chamam a atenção para o fato de que aprender não é simplesmente reter uma informação, tendo em vista sua fragilidade, mas sim reconhecer tantos outros aspectos relevantes para que a aprendizagem realmente ocorra. A informação refere-se que o aprender necessita ser significativo para o estudante, sendo necessário atribuir sentidos aos conteúdos, percebendo-os na aplicabilidade às situações que lhes dizem respeito.

Figura I9: Quando aprendo melhor

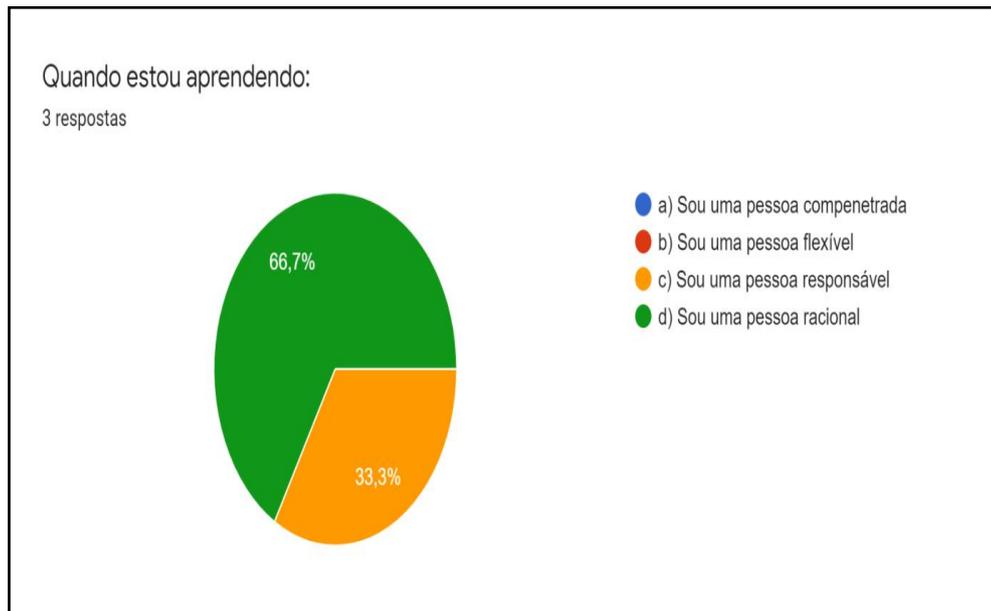


Fonte: Autores.

Na Figura I houve uma equivalência entre as respostas, 33,3% apoiam-se em suas próprias impressões para aprender melhor, os demais 33,3% tem a preferência por experimentar coisas por eles mesmos, os demais se apoiam em observações.

Nesta questão pode-se perceber a divisão acerca do aprender melhor, isso nos mostra como de fato não existem meios pontuais ou designados corretos quando tratamos de aprender, cada ser possui determinado rendimento, aceitação, autocontrole, fraquezas e potencialidades particulares sobre formas de obter conhecimento sobre estabelecido assunto.

Figura J10: Quando estou aprendendo



Fonte: Autores.

Considerando a pergunta “Quando estou aprendendo” 66,7% dos estudantes mostram-se pessoas racionais enquanto aprendem, 33,3% consideram-se neste momento responsável.

Todas as figuras aqui apresentadas que impulsionam dados gráficos comprovam uma perspectiva em relação às diretrizes pedagógicas, uma demonstração quanto ao melhor método em que os acadêmicos surdos se interligam ao processo de ensino destinado para si, foi proposto uma discussão que aborda de forma estruturada todo o processo de aprendizagem derrubando os tradicionais métodos de ensino que por vezes visa apenas o engessamento do processo educacional. São várias etapas em debate que somadas propõe tanto aos docentes quanto às discentes alternativas em referência ao pensamento educativo. A discussão dos dados comprova e reforça os principais níveis de motivação e descreve o principal tipo de interação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

– Eu percebo a tua estranheza e o teu desconforto, mas enquanto continuares a choramingar, não vamos a lado algum. Como sabes “as verdades que menos gostamos de ouvir são as que mais falta nos fazem”, por isso, desculpa, mas não te vou poupar. Estou preocupado contigo e, como “quem não alimenta o cão, alimenta o ladrão”, aqui vai a primeira regra de qualquer estudante, sobretudo de um universitário: precisas de assumir com verticalidade a responsabilidade pelo teu comportamento académico. (ROSÁRIO; NÚÑEZ; GONZÁLEZ-PIENDA, 2006, p. 44).

O objetivo deste trabalho pautou-se em discutir o Estilo de Aprendizagem do estudante surdo durante a graduação. Conclui-se que o estilo predominante entre os acadêmicos se denomina como assimilador, no qual o estudante possui seu aprendizado baseado em observações e pensamentos. Para eles, ideias e conceitos abstratos são mais importantes do que pessoas e pode ser percebido como pouco sociável. Tem facilidade com números e modelos conceituais, preferindo especulações abstratas em detrimento de situações práticas. Compreende as informações de forma ampla e as organizam de forma clara e lógica. Tem propensão para a carreira científica. Gosta de explorar modelos analíticos e de ter tempo para pensar e refletir sobre as coisas. Esse estilo também é conhecido como teórico.

O conhecimento ocorre acerca de estratégias ao longo da graduação, desta forma pode-se dizer que o estudante surdo é responsável por gerir seu desenvolvimento, ampliando suas competências e habilidades, mediando conflitos, trabalhando com a diferença.

A identificação do estilo de aprendizagem torna-se um facilitador, sua adaptação às características individuais melhora a postura referente à aprendizagem. Em consequência um melhor resultado diante da produtividade, criatividade, sucesso acadêmico.

Com a obtenção dos resultados da presente pesquisa observou-se a importância do cenário e de elaboração de ações capazes de contribuir com a identificação dos estilos de aprendizagem de estudantes surdos.

REFERÊNCIAS

- BASILIO, V. B.; VASCONCELLOS L. **Estilos de Aprendizagem e Desempenho Acadêmico**: Um estudo dos alunos de administração da FEA – USP. In: Encontro SEMEAD XIV, 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: Seminários em Administração da FEA/USP, 2011.
- BEHARES, L.E. **Nuevas corrientes en la educación del sordo: de los enfoques clínicos a los culturales**. Santa Maria, SC: Universidade Federal de Santa Maria, 1993.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, 20 de dezembro de 1996. Brasília: Presidência da República. Casa Civil.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Adaptações Curriculares em Ação**: Declaração de Salamanca: Recomendações para a construção de uma escola inclusiva/ Secretaria de Educação Especial Brasília: MEC/SEEP, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pradime**: Programa de Apoio aos Dirigentes Municipais de Educação / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. – Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. 176p. : il. – (Caderno de Textos ; v.2) ISBN: 85-98171-27-1 1.Educação. I. Título. II. Título: Caderno de Textos.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- CARNEIRO, M. **LDB fácil**: leitura crítico - compreensiva: artigo a artigo. 14. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes 2007.
- CERQUEIRA, T. C. S. **Estilos de aprendizagem em Universitários**. 2000. 155f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, São Paulo. 2000. Disponível em: Acesso em: 05 de janeiro 2021.
- COULON, A. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador, BA: UDFBA 2008.
- CURY, C. **Legislação educacional brasileira**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FERNANDES, E.; ALMEIDA, L. Estudantes com deficiência na Universidade: Questões em torno da sua adaptação e sucesso acadêmico. **Revista de Educação Especial e Reabilitação**, v. 14, p. 7-14, 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários a prática educativa. 25. Ed. São Paulo. 2002. Pag. 27.
- GARCIA, W. **Tecnocratas, educadores e os dilemas da gestão**. São Paulo: Cortez, 2006.
- LUCK, Heloisa. **Gestão Escolar**: uma questão paradigmática. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. Série: cadernos de gestão.

MACHADO, L.; Eduardo. **Gestão Estratégica em instituições privadas de Ensino Superior**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

PAVÃO, S. M. O et al. **Aprendizagem e Acessibilidade: Travessias do Aprender na Universidade**. 1 ed. Santa Maria. 2015. Pag. 134.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo. 2013. Pag. 69.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSÁRIO, Pedro; NÚÑEZ José Carlos; GONZÁLEZ-PIENDA, Júlio António. **Comprometer-se com o estudar na universidade: “CARTAS DO GERVÁSIO AO SEU UMBIGO”** Coimbra: Almedina, 2006.

SILVA, Mendes da; Denise; OLIVEIRA NETO, José Dutra de. O Impacto dos Estilos de Aprendizagem no Ensino de Contabilidade. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/contabilidadevistaerevista/issue/view/113> Acesso em: 11 jan. 2021. **Revista Contabilidade Vista & Revista**, ISSN 0103-734X, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010, v. 21, n. 4, p. 123-156.

SILVA, B. P. **A inclusão do estudante surdo no Ensino Superior: das percepções de estudantes surdos e seus professores às práticas de sala de aula**. Estudo de caso. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Instituto de Educação Lisboa. 2015. Disponível em: http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/6904/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Polliana.pdf?sequence=1. Acesso em: 25 fev. 2021

SCHMITT, S; CAMILA.; DOMINGUES, C; JOSÉ. **Estilos de aprendizagem: um estudo comparativo** Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 21, n. 2, p. 361-385, jul. 2016.

SOBRAL, Dejanio T. Inventário de Estilo de Aprendizagem de Kolb: características e relação com resultados de avaliação no ensino pré-clínico. *Psicologia: teoria e pesquisa*. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, 1992, Vol. 8, N° 3, pp. 293-303.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – **Comunicação em Mídias Digitais**. Disponível em: [_\(http://www.cchla.ufpb.br/ccmd/aprendizagem\)](http://www.cchla.ufpb.br/ccmd/aprendizagem) Acesso em: 22 jan. 2021.

ANEXO**ANEXO A- AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Suprimido documento por conter informações pessoais.

APÊNDICES

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: Estilos de Aprendizagem de estudantes surdos na Educação Superior.

Pesquisador responsável: Silvia Maria de Oliveira Pavão,

Coorientadora: Mariane Carloto da Silva,

Autora: Andressa Machado.

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/Departamento de Fundamentos da Educação-FUE.

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional

Telefone e endereço postal completo:

Local da coleta de dados: questionário online

Eu, Silvia Maria de Oliveira Pavão, responsável pela pesquisa intitulada “Estilos de Aprendizagem de estudantes surdos na Educação Superior, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo”.

Esta pesquisa pretende discutir o Estilo de Aprendizagem do estudante surdo durante a graduação. Acreditamos que ela seja importante para contribuir com futuras pesquisas acerca da aprendizagem de estudantes surdos. E como objetivos específicos identificar por meio do inventário de aprendizagem de Kolb, como ocorre o (auto) conhecimento da aprendizagem do estudante surdo, entender em que medida o estudante surdo gesta sua aprendizagem durante a graduação, analisar como ocorre o (auto) conhecimento do estudante surdo como gestor de seus estudos relacionado com sua aprendizagem durante a graduação.

Para sua realização pretende-se aplicar um questionário, denominado Inventário de Estilos de Aprendizagem, como forma de questionário por meio virtual na plataforma Google drive, sendo enviado por e-mail aos participantes. Desse modo sua participação será respondendo a um questionário encaminhado por email.

É possível que aconteçam os seguintes **riscos**, desconfortos ao responder o questionário, tais como: você não se sentir à vontade para participar, ou não querer responder alguma questão, pois lembra alguma frustração durante a trajetória escolar e acadêmica. Caso ocorra algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelas pesquisadoras, com esclarecimento de dúvidas,

indicações de leituras e materiais orientadores. As estratégias e procedimentos utilizados para prestar esse atendimento, a problemas que sejam comprovadamente causados por essa pesquisa, se dará por meio de esclarecimento de qualquer dúvida referente à pesquisa, explicação de termos e conceitos utilizados na pesquisa, indicação de leituras para complementar a prática, e também poderá orientar, caso necessário, a busca de outros acompanhamentos pertinentes à situação apresentada.

Os benefícios que esperado estão voltados à aprendizagem do acadêmico surdo a fim de melhor interpretá-los.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa.

Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada inicialmente pela pesquisadora.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. A pesquisa seguirá todas as diretrizes e normas regulamentadoras pela instituição pesquisada e, ainda atender aos fundamentos éticos e científicos exigidos na Resolução de nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais me foi entregue.

Assinatura do voluntário

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local,

Santa Maria, ____ de _____ de 2021.

APÊNDICE B- TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do estudo: Estilos de Aprendizagem de estudantes surdos na Educação Superior.

Pesquisador responsável: Sílvia Maria de Oliveira Pavão

Pesquisadora orientanda: Andressa Machado

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão educacional.

Telefone e endereço postal completo: xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Local da coleta de dados: xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Os responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de questionário online, na UFSM, no segundo semestre de 2020. Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local, xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em/...../....., com o número de registro Caae

Santa Maria,.....dede 20.....

Silvia Maria de Oliveira Pavão

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO

O Modelo de Kolb opera como um inventário de estilos de aprendizagem para fazer a identificação dos estilos de aprendizagem. Este inventário é composto de algumas sentenças com as quais estão associadas a opções (A, B, C, D):

Questionário

1. Enquanto aprendo:

- a) Gosto de lidar com meus sentimentos ()
- b) Gosto de pensar sobre ideias ()
- c) Gosto de estar fazendo coisas ()
- d) Gosto de observar e escutar ()

2. Aprendo melhor quando:

- a) Ouço e observo com atenção ()
- b) Apoio-me em pensamento lógico ()
- c) Confio em meus palpites e impressões ()
- d) Trabalho com afinco para executar as tarefas ()

3. Quando estou aprendendo:

- a) Tento buscar as explicações para as coisas ()
- b) Sou responsável acerca das coisas ()
- c) Fico quieto e concentrado ()
- d) Tenho sentimentos e reações fortes ()

4. Aprendo:

- a) Sentindo ()
- b) Fazendo ()
- c) Observando ()
- d) Pensando ()

5. Enquanto aprendo:

- a) Abro-me a novas experiências ()
- b) Examino todos os ângulos da questão ()

- c) Gosto de analisar as coisas e desdobrá-las em suas partes ()
- d) Gosto de testar as coisas ()

6. Enquanto estou aprendendo:

- a) Sou uma pessoa observadora ()
- b) Sou uma pessoa ativa ()
- c) Sou uma pessoa intuitiva ()
- d) Sou uma pessoa lógica ()

7. Aprendo melhor através de:

- a) Observação ()
- b) Interações pessoais ()
- c) Teorias racionais ()
- d) Oportunidades para experimentar e praticar ()

8. Quando aprendo:

- a) Gosto de ver os resultados de meu trabalho ()
- b) Gosto de ideias e teorias ()
- c) Penso antes de agir ()
- d) Sinto-me pessoalmente envolvido no assunto ()

9. Aprendo melhor quando:

- a) Apóio-me em observações ()
- b) Apóio-me em minhas impressões ()
- c) Posso experimentar coisas por mim mesmo ()
- d) Apóio-me em minhas ideias ()

10. Quando estou aprendendo:

- a) Sou uma pessoa compenetrada ()
- b) Sou uma pessoa flexível ()
- c) Sou uma pessoa responsável ()
- d) Sou uma pessoa racional ()

Inventário de Estilo de Aprendizagem (Fonte: Baseado em KOLB, 1993) com possíveis adaptações realizadas pela pesquisadora.